

Glossário dos Nomes Próprios – Alex Cerveny

Os delicados (mas evidentemente potentes) desenhos (nanquim sobre papel de arroz, comprados na China) e as duas telas a óleo que compõem o *Glossário de Nomes Próprios* – espécie de jubileu de 50 anos de Alex Cerveny (nascido em 1963, em São Paulo, o artista pertence a Geração 80, que cada vez mais se compreende de forma multifacetada) – apesar de produzidos recentemente (entre 2013 e 2015), vêm de longa data. Embora afirme que todo seu trabalho (que é basicamente desenho, ou seja, predominantemente apuro e pensamento; e entende-se pensamento aqui como poesia) seja fruto da imaginação e da fantasia (especialmente talvez no sentido lacaniano do termo), sem a utilização de modelos, sem pertencer a um projeto, é a elaboração das vivências (material da memória) que parece intrinsecamente motivar a produção intensamente lírica deste artista-viajante contemporâneo. Salutarmente singular no contexto da produção das artes visuais no Brasil de hoje, a obra de Alex Cerveny caracteriza-se pela sofisticação e multiplicidade de camadas de leituras e fruições que elas suscita. Marcante para a gênese de *Glossário de Nomes Próprios*, por exemplo, está a viagem que o artista fez a China em outubro de 2013, de onde trouxe todo o material para a série de desenhos e onde, observando os monges-artistas presentes em todo templo, apreendeu a técnica da caligrafia. Pois, para Alex Cerveny, desenho é também escrita; ou uma forma de poesia. Mas antes mesmo desta viagem (uma entre muitas, que, com seus encontros, povoam e revisitam a memória do artista) houve outra (sempre há uma anterior), para Belém (cidade importante na história pessoal de Alex, uma vez que foi numa galeria desta cidade sua primeira exposição individual, e foi em Belém que se formou Valdir Sarubbi, professor que marcou sua obra), onde, num antiquário, comprou um porta-joias de madeira (no sonho de Dora, Freud compreende o porta-joias como uma metáfora do sexo feminino...) sobre o qual havia sido acoplado a figura de um bebê entalhado em boxwood (*buxus sempervirens*), provavelmente mais antigo (século XVII) e proveniente da Europa Central (de onde originalmente vem um ramo da família do artista) – o bebê, que em tudo lembra um Buda satisfeito, está alegremente brincando com seu pênis. O processo civilizatório, como sabemos, tem seu preço. Alex Cerveny, homem do vasto vasto mundo, reconhece-se e identifica-se na figura do náufrago, do homem solitário –

encurrulado em seus desejos e em suas fantasias, que se tornam sua única arma. O homem desejante e recorrente nos desenhos de Alex Cervený é o protótipo do artista. A pintura é a repetição de padrões e idealizações, cristalizadas como imagens; imaginação e fantasia (e fantasmas). Narrativas, listas que registram encontros, lugares, desejos. O *Glossário de Nomes Próprios* surge também de viagens literárias, como *Os Lusíadas* (os nomes de todos os deuses; os nomes de todos os homens...)... e reza a lenda que Camões, diante do naufrágio, preferiu salvar o manuscrito de seu precioso livro do que a vida da amada... Lista de cidades, de histórias que poderiam ter sido eu que não foram, de encontros que perderam a força, de promessas... que constituem a vida de um homem. Nos magistrais desenhos e pinturas desta exposição, alegre e melancolicamente imaginação e memória se encontram, e pela potência poética dessas imagens nós nos identificamos com e nos unimos ao artista em sua solitária (desesperada) busca e deriva.

Renato Rezende